

REVISTA DO
LIVRO

ÓRGÃO DO INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

SUMÁRIO

	págs.
ESTUDOS	
Pão Sêco	9
Bergson: um filósofo da 'belle-époque' ..	19
Agnes von Krusenstjerna, escritora de la locura	
Aves e pássaros no folclore brasileiro ..	35
A evolução do conto no Brasil	55
Os caboclos de Aruanda	63
Engenhos centrais e usinas	75
Ingmar Bergman	83
Un documento poetico popular chileno ..	93
O poeta Augusto de Lima	105
	119
INÉDITOS	
Poesias	143
ARQUIVO	
Norma (vaudeville-jocoso)	189
VÁRIA	
João Ribeiro e os modernistas	209
A propósito de Laura Moura	231
Roquette Pinto e o Homem Brasileiro ..	219
Índice do "Diccionario Bio-Bibliographico Brasileiro", de Argeu Guimarães ...	227
NOTICIÁRIO	
Catálogo das publicações	239
Os prêmios do INL	240
BIBLIOGRAFIA	
Bibliografia Brasileira Corrente (abril-junho 1960)	243

REVISTA DO LIVRO

ÓRGÃO DO INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

DIRETOR:

JOSÉ RENATO SANTOS PEREIRA

REDATORES:

ALEXANDRE EULÁLIO
BRITO BROCA

CONSELHO CONSULTIVO:

ANTÔNIO HOUAISS
AUGUSTO FRAGOSO
CELSO CUNHA
CRISANTO M. FILGUEIRAS
J. GALANTE DE SOUSA
M. CAVALCANTI PROENÇA

Reproduz-se na capa uma vinheta de *Sterpium pentades sex
sive libri XXX*. Antuérpia, Christophe Plantin, 1583

REDAÇÃO:

AV. RIO BRANCO, 219/39 — 4.º ANDAR
RIO DE JANEIRO, BRASIL

JOÃO RIBEIRO E OS MODERNISTAS

BRITO BROCA

A 9 de maio de 1915, Humberto de Campos registrava no seu *Diário Secreto* um encontro, com João Ribeiro, na redação de "O Imparcial", em que o escritor, arrastando-o para um canto da janela lhe dizia: — "A maior dificuldade, quando se faz crítica literária, consiste em escrever sobre poetas. É uma gente perigosa à qual não se pode dizer verdades. E eu não encontro um poeta que me agrade. Se eu pudesse dizer o que penso, aconselharia que se aposentasse o Bilac e o Alberto com tôdas as vantagens do pôsto, mas que se os aposentasse... São grandes poetas, sim, mas para o seu tempo, para um tempo que já passou... É preciso aposentá-los, é preciso..."

Ora nessas palavras encontramos a explicação da atitude de João Ribeiro, manifestando decidida simpatia pelos modernistas. Em 1915, sete anos antes da "Semana de Arte Moderna", quando Oswald de Andrade, que iria ser uma das figuras mais turbulentas do movimento, se entusiasmava com os sonetos catedralescos de Emílio de Meneses, um sub-Bilac, o autor de *Fabordão* já pedia o arquivamento dos dois caciques da poesia brasileira na época.

Mais tarde, a 1.º de setembro de 1919, no seu registro crítico de "O Imparcial", escrevendo sobre Leal de Sousa e aludindo ao Parnasianismo dizia: "Olavo Bilac era o principal e naturalmente defensor perpétuo, segundo a nossa tradição em matérias dinásticas, de todos os despautérios, menos seus do que alheios, daquela estética imóvel. Entretanto, o que melhor deixou foi a esplêndida produção camoneana da "Via Láctea", que servirá sempre à sua glória mais do que todos os artefatos inferiores que cresceu, sem aumentar a produção poética de sua lavra. O Parnasianismo passou como tôdas as coisas. Hoje a poesia busca outros ideais e novas fontes de inspiração. É uma evidência, que a tôda hora revelam os poetas da geração nova".

Não vamos discutir aqui o conceito um tanto exagerado de Parnasianismo de João Ribeiro atribuído à poesia de Bilac — Parnasianismo cem por cento no Brasil, só foi mesmo o de Francisca Júlia —; queremos apenas acentuar o fato do crítico erguer-se em 1919 contra aquilo que ia ser uma das *bêtes noires* dos modernistas. "O Parnasianismo passou como tôdas as coisas" — era justamente o que os modernistas não se cansavam de proclamar, fustigando os que insistiam em permanecer fiéis a essa estética. Naquele passo de João Ribeiro já pressentimos o adjetivo passadista, que entraria em curso na década modernista.

Eclodindo a revolução, estaria naturalmente justificada a atitude do velho mestre. Mas havia ainda outro motivo relevante para torná-lo

favorável aos modernistas: o antiformalismo radical do seu espírito. A revolução literária se fazia contra os ídolos, os tabus, as fórmulas consagradas, entre as quais se achava, naturalmente, a glória acadêmica; e por aí se correspondia com o escritor que nunca vestira fardão e sempre desdenhara as consagrações oficiais, o autor de gramáticas que dizia não ser gramático.

Manteve-se pois João Ribeiro coerente consigo mesmo na posição que assumiu ante a rebeldia dos novos. Mas nem por isso podemos considerá-lo um crítico dos modernistas; e na maneira pela qual se habituou a julgá-los, estimulando-os e louvando-os devemos ver antes um apoio moral do que propriamente intelectual. Há mais simpatia, solidariedade do que compreensão. Basta examinar as páginas coligidas por Múcio Leão, num volume sob o título *Crítica — Os Modernos*. Na maioria dos casos tudo se resume em notícias esquemáticas, citações, e aplausos, louvores. Aliás, João Ribeiro declarou, por mais de uma vez, do seu propósito de não levar a atividade crítica, além de um simples registro biográfico, das funções do *reviewer*. Não havia motivo para sair dessa norma com relação aos modernistas. E no que concerne às citações convém lembrar o episódio narrado por Joaquim Ribeiro, no livro *9 mil dias com João Ribeiro*. Transmitindo ao pai as queixas dos poetas que diziam — “Ele fala muito pouco de nós, quase nada diz a respeito e, às vezes, até transcreve a pior poesia” — o filho obteve esta resposta: — “Não são eles poetas? pois diga-lhes que os livros de poesias são como as rosas. Basta a gente sentir o perfume. Ninguém jamais desfolharia uma rosa para cheirar fôlha a fôlha”.

Evidentemente, João Ribeiro não estava falando sério, e nem pretenderia com isso, abolir a crítica de poesia, mas essas palavras revelam bem a displicência com que costumava encarar seu registro crítico. Assim, procurando apenas fazer com que o “leitor sinta o perfume”, vai ele citando versos e mais versos de livros de Álvaro Moreyra, Manoelito de Ornelas, Rui Cirne Lima, Paulo Tôrres, Manuel de Abreu e muitos outros.

Em artigo de “O Jornal” a 20 de junho de 1928 sob o título “Escola Poética” confessava no entanto certa perplexidade em que se via para achar o nome que melhor conviesse aos escritos “modernizantes” da atualidade. De comêço reduzia o embaraço, atentando para o fato de, na prosa os homens de letras antigos ou novos quase não se distinguem a não ser que os havia bons, ruins e péssimos de qualquer idade.

A divergência dos temas não era bastante expressiva para indicar nomenclatura nova. Escreviam bem uns e outros mal, “não no sentido das pequices sintáticas, mas nos valores artísticos”. Quando se tratava da poesia nova, porém, ficava indeciso, sem atinar com a maneira de classificá-la. Futurista? Não seria como a de Marinetti. Também não seria “obscurista” como a de Paul Valéry, “legítimo herdeiro da glória enevoadada e opaca de Mallarmé”. Julgava então que “primitivista” era um dos apelidos, talvez, mais adequados, a essa tábula rasa, que volvia a Pedro Álvares Cabral, “aos índios e bugres, aos soturnos e melancólicos africanos e por vezes aos advenas, novos conquistadores do solo, sem caravelas, sem a fé e sem o império”. “Primários” pareciam ser todos os nossos poetas revolucionários por não quererem nada da “erudição poética do cartapácio dos ritmos antigos, dos toantes e

consoantes e nem das palavras seletas do antigo parnaso". Costumava chamá-los da "Escola Paulista", um pouco contraditòriamente, porque renegavam todos os escolas, mas fôra de São Paulo que partira êsse movimento libertário, e os Andradas, "como pouca corrupção", como diria Camões, ocupam o lugar vago dos Andradas já reduzidos a estátuas. De qualquer forma — acrescentava — o caráter mais estimável dessa poesia "era ser essencialmente brasileira, rústicamente brasileira, alfabeticamente brasileira", o que excluía "a possibilidade de cópias exóticas e cosmopolíticas".

Como se vê, João Ribeiro, não entrava no exame das diversas correntes modernistas que se vinham digladiando: a "Anta", concretizada no nacionalismo verde-e-amarelo; a Antropofagia cuja revista acabava de surgir; o grupo espiritualista do Rio. Não se dava ao trabalho de examinar-lhes as teorias; generalizava, julgando a poesia nova rústicamente, alfabeticamente brasileira. Mas não deixava também de maneira geral, de sentir-lhe as falhas: a tendência para a enumeração — o que êle chamava "o estilo bíblico" — era primitiva, mas se tornava fatigante. "Não basta enumerar as coisas, é preciso descobrir nexos entre elas, narrar e contar histórias". Lembrava os poetas japoneses, muitos deles primários mas sabendo compor, ou pelo menos dando a idéia de que compunham. Os nossos dispunham as tintas, lançavam traços e esperavam que a retina os reunisse; o retina era francamente rebelde ao êxito dêsse estratagema. Acariciava, porém, ainda a esperança de ver surgir um poeta construtor dêsse chão que prometia "maravilhas increadas".

Em 1928 êle ainda aguardava assim "o *fiat* construtor da maçonaria ou da chafarica modernizante".

Nos artigos compilados por Múcio Leão no livro citado e em outros ainda dispersos na imprensa, verificamos por vêzes as incertezas de João Ribeiro ao julgar os modernistas.

De *Cobra Norato*, êsse cavalo de batalha do Modernismo, talvez um pouco superestimado por certos críticos, diz êle: "Não é poesia regional, mas está eivada de têrmos nhengatu ou tupi do norte. Nem sempre é fácil entender e adivinhar". E depois de citar alguns versos chega a essa conclusão: "Para ler a bordo de uma gaiola do rio-mar foram feitos êsses versos de intensa brasilidade que o autor invoca de todos os povos do país".

Assustava-se com certas ousadias dos reformadores. Confessa as repetidas tentativas, que fêz para ler de cabo a rabo o *Macunaíma*, de Mário de Andrade. E depois de procurar expor o que julgã ser o sentido do romance, pergunta: "Concluir-se-á dessa breve exposição que o livro é um desastre? Não acreditamos, por várias razões. Primeiro, porque Mário de Andrade é capaz de uma asneira, mas sempre uma asneira respeitável. E nesse caso uma asneira de talento. Em segundo lugar, por causa do humor e da graça que transpiram dessas páginas". Mar revela claramente não ter encarado o livro senão como uma brincadeira, — oh os manes de Cavalcanti Provença! — acrescentando: "Se essa brincadeira fôr repetida cairá, apesar de tudo, na "ridiculez inevitável". "Não se pode abusar do talento para enganar os tolos — diz em tom peremptório — Se fôsse um livro de estréia o autor causaria pena, como próximo hóspede do manicômio".

Também o assustou a originalidade gritante de um Adelino Magalhães, em quem estêve longe de ver um precursor do Modernismo, como tem sido justamente considerado pela crítica, Eugênio Gomes à frente. E perguntaremos: Estaria fazendo um trocadilho a sério, quando depois de alguns elogios à *Laranja da China* de Antônio de Alcântara Machado, conclui assim: "Não temos pois nenhuma dúvida em proclamar que *Laranja da China* foi certamente enxertada na melhor Seleta que dão os nossos pomares tanto é nela doce o agro e cheirosa a casca dessa fruta?"

Seria decerto uma brincadeira, já que nessas notações críticas procurava por vêzes participar do clima de piadas e troça, em que se compraziam muitos modernistas. Eis um exemplo: aludindo à poesia "O poeta come amendoim", de Mário de Andrade (que êle erradamente dá como sendo de Oswald) estranhava a forma portuguesa amendoim quando os revolucionários deviam usar o muito bom brasileiro "mendubi". Em lugar do grito de guerra de Graça Aranha "A Academia evolui ou morre!" seria, portanto, mais expressivo êste: "Mendubi ou Morte!"

A verdade é que admirando os novos, torcendo pela revolução literária, êsse grande erudito, êsse verdadeiro sábio, afeito ao convívio dos clássicos não podia deixar de encará-la, até certo ponto, como extravagâncias de jovens inteligentes.

Não conseguiremos, aliás, apurar a data em que João Ribeiro passou a manifestar simpatia pelos modernistas e a ser louvado por êste. Segundo depreendemos de uma rubrica da revista "Klaxon" (número 2) em 1922 ainda não se achava êle em estado de graça perante os vanguardistas. A rubrica intitula-se "Luzes e Refrações" e nela encontramos uma referência à idéia, da Academia Brasileira, de erigir um monumento a Machado de Assis. Afrânio Peixoto lembrara os dois maiores escultores brasileiros Bernardelli e Correia Lima. Graça Aranha aparteara: "E por que não Brecheret?" João Ribeiro interrogou: "Quem é Brecheret?" A nota informava então o acadêmico sôbre os méritos do escultor paulista e moderno, tão forte, que em lugar de copiar a natureza criava, tirando apenas da natureza a causa primeira da inspiração. Mas seria preferível que o sr. João Ribeiro continuasse a ignorar Brecheret concluia — "Êste não daria naturalmente do gênio de Brás Cubas um retratinho em que se enumerassem tôdas as rugas e cabelos — único processo estético capaz de comover a lânguida saudade endinheirada dos srs. acadêmicos".